

Alexandre, o Grande, na escrita biográfica de Plutarco

Maria Aparecida de Oliveira Silva¹

Submetido em: 10/10/2020

Aceito em: 19/11/2020

Publicado em: 09/12/2020

Resumo

Muitas são as histórias, anedotas e ditos que envolvem Alexandre, o Grande, o glorioso rei da Macedônia. Dentre os autores que se dedicaram a contar a história desse homem ilustre, Plutarco se destaca por trazer uma narrativa biográfica escrita em estilo elevado e por utilizar diversos gêneros literários para compor sua obra. Desse modo, o objetivo deste artigo é discorrer sobre a estrutura biográfica da vida de Alexandre e analisar a construção plutarquiana do seu caráter, que se mostra voltada para a reflexão das virtudes e dos vícios de sua personagem.

Palavras-chave: Plutarco; Alexandre, o Grande; Período Helenístico; Biografia Antiga.

Abstract

Many are the stories, anecdotes and sayings that involve Alexander the Great, the glorious king of Macedonia. Among the authors who have dedicated to telling the story of this illustrious man, Plutarch stands out for bringing a biographical narrative written in a high style as well as for using several literary genres for composing his work. Therefore, the aim of this article is to discuss the biographical structure of Alexandre's life and to analyze the Plutarchian construction of his character, which reveals to be a reflection of his character's virtues and vices.

Keywords: Plutarch; Alexander the Great; Hellenistic period; Ancient Biography.

¹ Grupo Heródoto/Unifesp.

Introdução

Dentre as diversas obras de Plutarco², a sua extensa composição biográfica se destaca pelo número de personagens e pela grandiosidade deles, além do imenso arco temporal que abarca, do período arcaico grego ao clássico romano, passando pelo clássico e helenísticos da Grécia, pela República Romana até alcançar o Império Romano do I d.C., ou seja, de Teseu e Rômulo aos imperadores Galba, Oto e Vitélio. Outro atributo interessante da obra biográfica de Plutarco é a comparação que estabelece entre os seus biografados, pois escolhe um homem ilustre da antiga Grécia para comparar com outro da antiga Roma. A vida de Alexandre, o Grande, é uma das suas mais de cinquenta biografias das quais dispomos de quarenta e quatro, sendo vinte pares com comparações e quatro sem, mais de uma dezena delas não chegaram aos nossos dias. Também existem comparações que não nos são conhecidas, como é o caso da comparação da vida de Alexandre e de César. Não dispomos de dados que nos deem a datação precisa da escrita da biografia de Alexandre, em seu estudo, Jones sugeriu apenas que a obra biográfica de Plutarco foi composta entre 96 e 120 d.C.³. Sabemos que a comparação existiu em função deste próêmio da biografia de Alexandre:

Neste livro, escrevendo a vida de Alexandre, o rei, e a de César, que destruiu Pompeu, não faremos outro preâmbulo, em virtude do grande número de fatos que o tema comporta, senão pedir aos leitores que não nos

² Segue aqui a relação das obras de Plutarco consultadas para a realização deste artigo. PLUTARCH. **Life of Alexander. Lives.** Vol. VII. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge / Massachusetts / London: Harvard University Press, 2004. PLUTARCH. **On superstition. Moralia.** Vol. II. Translated by Frank Cole Babbitt. Cambridge / Massachusetts / London: Harvard University Press, 1946. PLUTARCO. **Da educação das crianças.** Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015. PLUTARCO. **Como distinguir o bajulador do amigo.** Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2016. PLUTARCO. **Vidas paralelas. Primeiro volume. Teseu.** Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto. Tradução direta do grego por Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1992. PLUTARCO. **Vidas paralelas. Quarto volume. Alexandre.** Introdução e notas de Paulo Matos Peixoto. Tradução direta do grego por Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1992.

³ JONES, C. P. "Towards a Chronology of Plutarch's Works". **The Journal of Roman Studies**, v. 56, 1966, pp. 61-74, p. 72.

considerem sicofantas se, em lugar de narrar pormenorizadamente todas as ações célebres desses dois varões, abreviarmos o relato e colocarmos de parte muitas delas. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 1.1)⁴

Embora Plutarco tenha afirmado que abreviaria seu relato, o resultado foi a biografia mais longa das vidas que narrou, a biografia de Alexandre é composta de setenta e sete capítulos. A perspectiva de Plutarco foi avaliar o caráter de seu biografado, não registrar seus inúmeros feitos; como observou Cook, ele frequentemente depende de uma pequena história para desenvolver sua análise⁵. No entanto, não haveria como dissociar a vida privada de Alexandre de sua vida pública, é quando vemos que o privado toca o público, que um homem ilustre tem sua vida associada aos acontecimentos públicos, portanto a narrativa biográfica de Plutarco não deixa de ser histórica. No entanto, este é um pensamento moderno, visto que os antigos gregos e romanos viam a história como uma narrativa das grandes guerras e batalhas que decidiram o destino de muitos povos⁶. Então Plutarco não via sua obra como histórica, mas apenas biográfica, em razão disso lemos:

Em verdade, não escrevemos histórias, mas biografias, e nem sempre é nos feitos mais rumorosos que se manifesta a virtude ou o vício. Ao contrário, sucede com frequência que um fato comezinho, uma palavra, uma pilhéria revelem bem mais nitidamente o caráter que os combates onde se contam milhares de mortos, as batalhas cerradas e os assédios mais espetaculares. Assim como os pintores captam a semelhança a partir dos traços do rosto, que denunciam o caráter, e pouco se ocupam das outras partes do corpo, assim também seja-

⁴ Tradução de Gilson César Cardoso (1992). Todas as traduções da biografia de Alexandre e a de Teseu pertencem ao tradutor citado.

⁵ COOK, Brad L. "Plutarch's Use of λέγεται: Narrative Design and Source in Alexander". **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, v. 42, 2001, pp. 329-360, p. 343.

⁶ SILVA, M. A. O. **Plutarco historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006, pp. 16-23.

nos lícito penetrar de preferência nos sinais distintivos da alma e, com a ajuda deles, representar a vida de cada um deles, representar a vida de cada qual, deixando para outros o aspecto grandioso dos acontecimentos e das guerras. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 1.2-3)

Os proêmios de Plutarco representam uma marca distintiva de suas biografias, Stadter conclui que o queronense redigiu proêmios que justificam o provérbio “Um bom começo é metade do feito”, que contêm variedade, charme e habilidade técnica⁷. Como nos esclarece Geiger⁸, Plutarco tinha um projeto de escrita de composição de suas biografias que o diferencia de Arriano, por exemplo, que iniciou seu relato após a morte de Filipe II. Como personagens de uma tragédia, os biografados de Plutarco desempenharam funções dentro da trama, por meio de uma estrutura narrativa que seguiu uma unidade mínima que foi a lógica da existência humana: nascimento, vida e morte, o que nos indica uma ordem cronológica como fio condutor da narrativa. No entanto, é preciso considerar que esse *cursus* não resulta em uma narrativa linear, sem digressões e ilusões próprias de uma biografia⁹.

Nascimento, infância e adolescência de Alexandre

As origens de sua personagem é uma preocupação constante nas biografias de Plutarco, pois a linhagem do biografado responde por parte de seu caráter e assim de sua postura política. A grandiosidade de Alexandre, por exemplo, vem explicada por sua linhagem divina, como lemos a seguir:

⁷ STADTER, Philip A. “The Proems of Plutarch’s *Lives*”. *Illinois Classical Studies*, v. 13, n. 2, 1988, pp. 275-295, p. 275.

⁸ GEIGER, Joseph. “The Project of the Parallel Lives. Plutarch’s Conception of Biography”. In: BECK, Mark (ed.). **A companion to Plutarch**. Sussex: Blackwell, 2014, pp. 292-303.

⁹ BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta, 1997, pp. 53-59.

Alexandre descendia de Hércules por Carano, do lado paterno, e de Éaco por Neoptólemo, do lado materno. Esse fato é unanimemente admitido. Conta-se que Filipe, iniciado nos mistérios de Samotrácia ao mesmo tempo que Olímpia – um ainda adolescente, a outra menina órfã de pai e mãe –, apaixonou-se por ela e imediatamente contratou casamento, no qual consentiu Ariba, irmão de Olímpia. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 2.1-2)

Como um acontecimento divino, o nascimento de Alexandre não poderia acontecer sem os prenúncios dos deuses, em razão disso, tanto Olímpia como Filipe receberam os sinais divinos por meio de sonhos. Desde a *Ilíada*, a primeira obra conhecida dos gregos, que o sonho desempenha um papel fundamental do desenrolar dos acontecimentos, porém este elemento está contido em qualquer gênero literário grego. Portanto, Plutarco sustentou essa tradição quando validou fatos por meio de sonhos premonitórios nesta biografia; como notou King, foram nove sonhos tidos por Alexandre (2.3; 2.4-5; 18.6; 24.6-7; 24.5; 24.8-9; 26.5; 41.6 e 50.6)¹⁰.

Plutarco se assemelha aos mitógrafos que iniciam sua narrativa apresentando a origem divina do herói e, logo em seguida, os presságios divinos, em geral, manifestados nos sonhos dos pais. E Plutarco assim registra os sonhos de Olímpia e de Filipe:

Antes da noite em que se fecharam no quarto nupcial, a jovem sonhou que trovejava e o raio caía sobre seu ventre alumando um grande fogo, qual, dividindo-se em chamas que se propagavam para todos os lados, finalmente se extinguiu. Por sua vez, Filipe, algum tempo depois do casamento, viu-se a si mesmo, em sonho, selando o ventre da esposa, e pareceu-lhe que o selo trazia a marca de um leão. [...] Aristandro de Telmesso foi o único a declarar que a jovem estava grávida, pois ninguém põe selos em recipientes vazios, e daria à luz

¹⁰ KING, Carol J. "Plutarch, Alexander, and Dream Divination". *Illinois Classical Studies*, n. 38, 2013, pp. 81-111, p. 81.

um menino cheio de coragem, da natureza do leão.
(Plutarco, *Vida de Alexandre*, 2.3-5)

Outros oráculos surgiram em razão do nascimento de Alexandre, todos destacaram a coragem e a força do filho de Filipe II, até mesmo na Ásia, os adivinhos receberam oráculos e sinais de que o nascimento dele traria mudanças e a subjugação de seus territórios. Dentre os sinais enviados pelos deuses, havia a interpretação de que Alexandre era filho de Zeus metamorfoseado em uma serpente, o que teria despertado a ira de Hera, mas o principal sinal foi o incêndio do templo de Ártemis:

Seja como for, Alexandre nasceu no dia seis do mês de hecatombeu ¹¹, que os macedônios chamam loios, exatamente quando o templo de Ártemis em Éfeso era consumido pelas chamas. Hegésias de Magnésia faz a esse propósito um comentário capaz de extinguir, com sua frieza, aquele incêndio: “Não é de espantar”, diz ele, “que o templo tenha sido inteiramente devorado pelo fogo, pois no momento estava ocupada em pôr Alexandre no mundo”. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 3.6)

Vemos então que o nascimento de Alexandre não poderia ter sido um fato comezinho, pois se tratava de um homem que iria mudar o destino de muitos, além de, como os adivinhos interpretaram ao saber da serpente no quarto de Olímpia, ser um filho de Zeus. À parte desta anedota, como vimos, Plutarco exibiu uma genealogia que associou Alexandre, o Grande, ao grandioso Zeus. Outro sinal distintivo na biografia plutarquiana é a descrição da aparência física de seu biografado, e não foi diferente com Alexandre, como lemos neste relato:

A aparência física de Alexandre é melhor transmitida pelas estátuas de Lisipo, único escultor, aliás, por quem ele se deixava retratar. E de fato, os traços que mais tarde muitos de seus amigos e sucessores empenharam-se em imitar, a saber, a ligeira inclinação do pescoço

¹¹ N.T. De 15 de julho a 15 de agosto. Alexandre deve ter nascido em 20 de julho de 356 a.C.

para a esquerda e a fluidez do olhar, foram fielmente preservados pelo artista. Mas Apeles, que o pintou como Portador do Raio, não reproduziu o colorido de seu rosto, que tornou muito moreno e baço. Diz-se que Alexandre tinha a pele clara, ligeiramente avermelhada no peito e o seu corpo cheiravam tão bem que as túnicas ficavam impregnadas com esse perfume, conforme pudemos ler nas *Memórias* de Aristóxeno. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 4.1-5)

Percebemos que a intenção plutarquiiana com esta digressão sobre a aparência de Alexandre teve a finalidade de delinear os primeiros traços da personalidade do macedônio para desenhar seu caráter. Sobre o perfume que Alexandre naturalmente exalava, Plutarco comentou:

A causa disso deve-se sem dúvida ao temperamento de Alexandre, cáldo e de natureza ígnea, pois os odores provêm, segundo Teofrasto, da cocção dos líquidos sob o efeito do calor; por isso os países secos e áridos produzem perfumes melhores e em maior quantidade, já que o sol aspira a umidade encontrada, como um princípio de putrefação, na superfície do corpo. Em Alexandre, o calor do temperamento é que o tornou também, ao que parece, propenso à bebida e à cólera. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 4.5-7)

Então vemos que Plutarco não tinha a intenção de registrar apenas fatos laudatórios sobre a vida de Alexandre, mas notamos que, como afirmara no início, pretendia analisar as virtudes e os vícios de sua personagem, e identificar por meio de suas ações quais as causas deles, a fim de ensinar ao seu leitor o caminho que os levasse à virtude. E sobre o temperamento do rei macedônio na infância, Plutarco contou:

Desde a infância, seu autodomínio podia ser entrevisto no fato de que, a despeito dos arroubos e do empenho violento em quase tudo o que fazia, era pouco sensível aos prazeres do corpo e só os experimentava com grande moderação. O amor da glória mantinha seu

espírito muito mais grave e magnânimo do que seria de se esperar em sua idade. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 4.8)

O temperamento de Alexandre se aproximava do de Zeus, audacioso e ao mesmo tempo sábio. Em outro plano, Alexandre nos lembra também o herói Aquiles, pois ambos aspiravam à glória eterna. A narrativa plutarquiana, como notou Mossman, também se serviu da narrativa épica de Homero para compor o caráter de sua personagem¹². O desejo de ser grande se alinhava ao seu caráter, ao seu modo de ser, como lemos neste episódio:

Chegando alguns embaixadores da parte do rei dos persas quando Filipe estava ausente, Alexandre os recebeu e, depois de travar conhecimento com eles, subjugou-os com a gentileza de sua acolhida. Não lhes fazia perguntas pueris ou frívolas: informava-se da extensão das estradas, da maneira de viajar pela alta Ásia, da personalidade do rei e sua conduta na guerra, da bravura e do poderio dos persas. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 5.1-3)

Nas biografias plutarquianas, as demonstrações do caráter do biografado já se manifestam na infância, em situações em que se mostram diferente das demais crianças em sabedoria e prudência. No caso de Alexandre, a personagem já demonstrara em sua tenra idade o interesse pelos assuntos do pai, – chegando mesmo a rivalizar com ele –, e procurou adquirir informações e aprendizados que o levassem ao poder alcançado na idade adulta. No entanto, de nada lhe seria útil ter descendência divina e ser filho do rei se Alexandre não tivesse recebido uma educação à altura, dado que Plutarco assim registra:

Numerosos era, naturalmente, os que cuidavam dele na qualidade de educadores, pedagogos, preceptores.

¹² MOSSMAN, J. M. "Tragedy and Epic in Plutarch's Alexander". *The Journal of Hellenic Studies*, v. 108, 1988, pp. 83-93.

Estavam todos colocados sob a autoridade de Leônidas, um parente de Olímpia de costumes austeros; se bem que não repelisse o título de pedagogo, que encerra a ideia de uma bela e nobre tarefa, os outros em consideração por sua dignidade e parentesco, chamavam-no o educador e o preceptor de Alexandre. A função e o título de pedagogo foram assumidos por Lisímaco, originário da Acarnânia. Não era homem especialmente distinto, mas, por atribuir a si mesmo o nome de Fênix, a Alexandre o de Aquiles e a Filipe o de Peleu, gozava de amplo prestígio e ocupava o segundo posto. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 5.7-8)

Convém notar que nesse relato se entrevê a crítica plutarquiana ao comportamento de Filipe e ao de Alexandre diante de um bajulador. Ainda que não fosse o melhor pedagogo, Lisímaco ocupou esse posto por ser um homem que sabia dizer o que o outro desejava ouvir. Em seu tratado *Como distinguir o bajulador do amigo*, Plutarco advertiu os homens que detinham o poder sobre os perigos de ter bajuladores em seu círculo de amizade. Não por acaso, afirmou: “Assim, não vemos a bajulação seguindo pobres, nem desconhecidos, nem incapazes, mas se tornando uma doença e uma queda para as grandes casas e os grandes assuntos, e muitas vezes arruinando reinos e impérios” (49C). Em tom prescritivo e didático, Plutarco advertiu sobre a necessidade de termos conhecimento de nossas limitações e nossas qualidades. Nosso autor explicou que o bajulador encontra campo fértil naquele que traz em si um desequilibrado amor-próprio, que o incapacita de reconhecer seus próprios defeitos, como lemos a seguir:

Ele tem o nosso amor-próprio como uma base de operação vigorosa contra nós. Por causa desse sentimento, cada um de nós é o primeiro e maior bajulador de si próprio; não é difícil que permita a aproximação de alguém de fora, uma testemunha das coisas que pensa e deseja, alguém que também as reforce, aliando-se com ele próprio. Pois aquele que é censurado por ser afeito a um bajulador é um profundo

amante de si próprio. Por causa dessa concepção de si mesmo, ele deseja ter todas as coisas belas e pensa que as tem; e o desejo delas não é estranho, mas esse pensamento é instável e necessita de muita precaução. (Plutarco, *Como distinguir o bajulador do amigo*, 48F-49A)¹³

Portanto, o excesso de amor-próprio retira do homem sua capacidade de desenvolver a sua autocrítica e prepara o campo perfeito para o florescimento das más intenções do bajulador. Por ser um grande inimigo da verdade, o bajulador afasta seu alvo do autoconhecimento. O gosto de Alexandre pela bajulação foi assim analisado por Plutarco:

A bebedeira, como dissemos, ele a prolongava por amor à conversação¹⁴. Se bem que fosse de trato muito mais agradável que qualquer outro rei e verdadeiramente encantador, tornava-se nessas ocasiões enfadonho pela jactância própria à soldadesca: gabando ele próprio seus feitos, dava margem à bajulação a ponto de incomodar os convivas de espírito mais delicado, que não pretendiam rivalizar nas adulações nem poupar-lhe elogios, parecendo-lhes a primeira atitude humilhante e a segunda perigosa. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 23.6-7)

Vemos que desde a infância Alexandre aprendeu a se contentar com a bajulação, sentimento percebido por Lisímaco que logo tratou de bajulá-lo para permanecer como seu pedagogo. A referência feita por Plutarco a Fênix reforça a impressão de que o comportamento de Alexandre se assemelhava ao de Aquiles, pois Fênix foi professor de Aquiles, e sua maior tarefa era conter seu ímpeto por meio das palavras, como versificou Homero:

¹³ Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015).

¹⁴ Não à toa, utiliza a palavra grega ἀδολεσχία (*adoleskhía*), que significa “tagarelice”; com isso, Plutarco nos faz ver que o vício de beber levava Alexandre a outro vício, o de falar muito e sem pensar. O tema da tagarelice também foi desenvolvido por Plutarco em seu tratado intitulado *Da tagarelice*.

“Se, nobre Aquiles, de fato, pretendes voltar para a pátria. e te recusas, de todo, a livrar os navios acaios do voraz fogo, uma vez que a cólera o peito te inflama, como é possível, meu filho, pensares que eu possa ter vida longe de ti? Por Peleu fui mandado seguir-te, no dia em que Ftia te enviou para o filho de Atreu, Agamémnone, ainda na infância, igualmente inexerto nas guerras penosas e nos discursos das ágoras, onde os heróis se enaltecem. Sua intenção foi que viesse contigo, porque te ensinasse Como dizer bons discursos e grandes ações pôr em prática.” (Homero, *Iliada*, 9.434-441)¹⁵

Os versos homéricos mostram a relação de confiança, de afeto e de grande responsabilidade existentes na formação de um pupilo, e o paralelo feito por Lisímaco retomou esse episódio tão bem conhecido por Alexandre, pois Plutarco relata que o rei macedônio:

Tinha também uma vocação inata para a leitura e a literatura. Considerava a *Iliada* um viático para o valor guerreiro e assim a chamava; levava sempre consigo a edição que Aristóteles preparara desse poema, a chamada “edição de estojo”, mantendo-a sob o travesseiro, ao lado da espada, segundo conta mantendo-a sob o travesseiro, ao lado da espada, segundo conta Onesícrito. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 8.2-3)

A *Iliada* era utilizada na alfabetização, na educação e na formação cultural dos antigos gregos, por isso a importância dessa na educação do rei macedônio. Porém, mesmo bajulando, Lisímaco não se manteve no posto por muito tempo, porque o jovem Alexandre se mostrava superior aos seus mestres e nenhum deles conseguia conter o seu temperamento audacioso, e o seu pai reconhecia o potencial do filho, pois em certa ocasião lhe disse: “Meu filho, procura um reino à tua altura; a Macedônia é pequena para ti” (*Vida de Alexandre*, 6.8). Então o rei Filipe II decidiu contratar o filósofo

¹⁵ Cf. HOMERO. *Iliada*. Tradução e apresentação de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

Aristóteles para ser seu preceptor, como lemos neste trecho:

Filipe, constatando que o filho era de natureza inflexível e avessa à coação, mas se deixava levar facilmente ao cumprimento do dever quando se empregava com ele o raciocínio, preferia convencê-lo a dar-lhe ordens. E como não se fiasse completamente dos mestres encarregados de sua instrução literária e científica, que talvez não fossem capazes de bem formá-lo e dirigi-lo (a tarefa, julgava ele, era muito pesada e exigia, como diz Sófocles,

Vários freios e vários lemes ao mesmo tempo),

Mandou vir o mais sábio e ilustre dos filósofos, Aristóteles, a quem proporcionou honorários magníficos e dignos do grande homem: reergueu das ruínas a cidade de Estagira, pátria de Aristóteles, que ele próprio destruíra, e repovoou-a com os cidadãos exilados ou caídos em escravidão. Reservou ao mestre e ao aluno, para que lá se dedicassem ao estudo, o ninfeu de Mieza, onde ainda hoje nos mostram os bancos de pedra e as alamedas de Aristóteles. Alexandre, ao que parece, não aprendeu apenas a ética e a política, mas teve também acesso às lições secretas e mais profundas que os filósofos designam com a terminologia especial de “acromáticas” e “epópticas”, que jamais divulgam. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 7.1-4)

O temperamento audacioso de Alexandre aliado aos cuidados de seu pai com a sua formação resultaram em um jovem capaz de enfrentar situações que somente os adultos poderiam, conforme vemos neste episódio:

Alexandre tinha dezesseis anos por ocasião da expedição de Filipe contra Bizâncio. Mantido na Macedônia como regente e guarda do selo real, submeteu os maídos rebelados: tomou-lhes a cidade, expulsou dali os bárbaros e deu-lhe o nome de Alexandrópolis, repovoando-a com colonos de diversas procedências. Em Queroneia, participou pessoalmente da

batalha contra os gregos, e diz-se mesmo que foi o primeiro a lançar-se sobre o Bando Sagrado dos tebanos. Ainda em nossos dias mostram-nos um velho carvalho à margem do Céfiso, o chamado “carvalho de Alexandre”, perto do qual teria mandado erguer sua tenda, a pouca distância do túmulo comum dos macedônios. Semelhantes feitos tornaram-no evidentemente muito caro a Filipe, que sentia prazer ouvindo os concidadãos dar a Alexandre o título de rei e a ele próprio o de general. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 9.1-4)

Filipe II estava sempre preocupado com a formação de seu filho, assim valorizava suas atividades e estimulava sua natureza incomum para que Alexandre se tornasse o melhor. No entender de Plutarco, amizade e a confiança entre pai e filho são importantes para o êxito de seus descendentes. No caso de Alexandre, é mais evidente o companheirismo e o orgulho que Filipe sentia de seu filho. Já a mãe do jovem macedônio não se comportava como uma mulher recatada do gineceu, o temperamento de Olímpia foi assim descrito:

Infelizmente, as desordens da casa de Filipe, onde amores e enlaces viviam provocando tumultos – que, do gineceu, estendiam-se a todo reino –, deram azo a uma série de queixas e querelas amargas, agravadas pelo humor difícil de Olímpia, mulher ciumenta e colérica que não perdia ocasião de excitar Alexandre. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 9.5)

Vemos então que a mãe de Alexandre também exercia seu poder a partir do gineceu, pois o que pensava e dizia era espalhado por todo o reino, o que gerava discórdias e situações constrangedoras como o filho ter confrontado seu pai enquanto bebia por causa de uma amante (*Vida de Alexandre*, 9.6-7). Por meio desse episódio, Plutarco demonstrou os atos bárbaros da mãe de Alexandre, visto que as mulheres gregas se mantinham silentes e piedosas nos gineceus, local em que aprendiam as funções femininas e se preparavam para as festividades religiosas, ao contrário de Olímpia que:

Dede tempos imemoriais as mulheres da região, adeptas dos ritos órficos e do culto orgiástico de Dioniso, com o nome de Clódones e Mimalones, imitam em muitos pontos as práticas dos edonianos e das mulheres trácias do monte Hemo (de onde, ao que parece, provêm do verbo *threskeuein*, aplicado ao exercício de ritos desvairados e extravagantes); Olímpia, mais empenhada que as outras na procura do êxtase e inclinada a se deixar levar de maneira extremamente bárbara aos delírios inspirados, aparecia nas cerimônias dionisiacas com grande serpentes domesticadas, que às vezes deslizavam para fora da hera e dos cestos místicos, aterrorizando os homens quando se enrolavam nos tirsos e nas coroas das mulheres. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 2.7-9)

As desavenças entre os familiares ocorriam em função do comportamento bárbaro de Olímpia que incitava Alexandre a confrontar o pai porque este mantinha outra mulher em seu lar. O nome da amante de Filipe é Cleópatra, curiosamente, a descrição acima de Olímpia nos lembra a rainha egípcia que também estava associada a serpentes, visto que as tinha em seus aposentos e ainda representadas em joias e adereços.

Vida adulta: reinos e conquistas

O comportamento bárbaro de ambos influenciou no caráter de Alexandre, que presenciava cenas orgiásticas de sua mãe, a bebedeira e a poligamia de seu pai. Plutarco aponta falhas na formação de Alexandre que, apesar de ter tido uma educação irrepreensível, não teve o bom exemplo dos pais, dado importante na concepção plutarquiana de boa educação, como afirmou em um dos seus tratados:

Que não passe despercebido nada disso aos pais, que a memória de parte da lição não é somente para a educação, mas também para as ações da vida, e calcula-se que não seja o seu menor quinhão. A memória dos

fatos passados torna-se exemplo de bom conselho para os vindouros. Naturalmente, deve retirar os filhos do discurso obsceno; “a palavra é a sombra da ação”, segundo Demócrito. (Plutarco, *Da educação das crianças*, 9F)

Portanto, os relatos plutarquianos sobre as ações de seus pais também servem de fundamento para explicar o caráter de Alexandre durante o tempo em que foi reinou a Macedônia e a Pérsia, reinado que assim se iniciou:

Alexandre tornou-se rei com a idade de vinte anos. O reino se via exposto de todos os lados a invejas violentas, ódios terríveis e perigos graves. [...] Decidiu assegurar a salvação e a solidez do reino à força de audácia e energia, convicto de que, por pouco que o vissem hesitar, os inimigos atacariam em massa. Deteve, pois, os movimentos dos bárbaros e as guerras que os ameaçavam. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 11.1-4)

Após ter controlado os inimigos mais próximos, a Grécia sofreu novamente a ameaça de invasão dos persas, temor que os gregos alimentavam desde o século V a.C., quando venceram as guerras contra os reis Dario e Xerxes. Desse modo, “Os gregos, reunidos em assembleia no Istmo, votaram pela participação na campanha de Alexandre contra a Pérsia e o proclamaram comandante supremo. Na ocasião, muitos políticos e filósofos foram saudá-lo.” (*Vida de Alexandre*, 14.1). Foi durante a sua ida para essa assembleia de gregos que Alexandre teve este célebre encontro com Diógenes:

Alexandre pensava que Diógenes de Sinope, que vivia em Corinto, faria o mesmo. Mas, como este pouco se importasse com Alexandre e permanecesse tranquilamente no Craneio, dirigiu-se a seu encontro. Foi achá-lo estendido ao sol. Diógenes, percebendo a aproximação de tantos homens, ergueu-se ligeiramente e fixou o olhar em Alexandre, que o cumprimentou e lhe perguntou se precisava de alguma coisa. “Sim”,

respondeu o filósofo, “que te tires diante do meu sol.” Essas palavras impressionaram Alexandre, que muito admirou a coragem de quem o desdenhava. De sorte que, na volta, estando os companheiros a rir e a motejar do filósofo, disse-lhes: “Pois aí está, se eu não fosse Alexandre queria ser Diógenes”. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 11.1-4)

A nosso ver, Plutarco aproximou o pensamento do rei macedônio ao de um filósofo porque os outros macedônios não o compreenderam, até mesmo o ridicularizaram, enquanto Alexandre se identificou com o filósofo Diógenes de Sinope ao deixar o seu orgulho de lado para analisar filosoficamente o ocorrido. Com tal identificação, Plutarco nos faz lembrar a teoria platônica do rei-filósofo, o sábio que deveria governar a cidade.

E com o apoio dos gregos, exceto o dos lacedemônios¹⁶, Alexandre marchou em direção à Ásia com um grande contingente militar para lutar contra o exército do Império Aquemênida, liderado por Dario III, em Granico, uma cidade próxima de Troia, cuja vitória, em 334 a.C., permitiu que o rei macedônio pudesse conquistar o Helesponto, subjugando Sárdis, Halicarnasso, Mileto, os litorais da Fenícia, da Cilícia e da Panfília, a Frígia, a Paflagônia e a Capadócia. Mas foi durante a batalha de Isso, na parte oriental da Cilícia, que Alexandre derrotou o exército de Dario III, em 333 a.C. (*Vida de Alexandre*, 15-20). Após vencer os persas, Alexandre se interessou por uma mulher persa, de acordo com Plutarco:

No entanto a mulher de Dario era, segundo se diz, a mais notável das rainhas, como o próprio Dario ultrapassava os outros homens em beleza e galhardia; as filhas pareciam com eles. Alexandre, persuadido sem dúvida de que é mais digno de um rei vencer-se a si mesmo que

¹⁶ Alexandre havia solicitado o auxílio do exército espartano, também conhecido por lacedemônio, para a batalha de Granico, estes lhe responderam que seus costumes não lhes permitiam ser comandados por um estrangeiro. O rei macedônio, após a vitória obtida ao lado dos demais gregos, segundo Green, “devidamente retribuiu este gesto esnobe depois da batalha de Granico, quando enfatizou a ausência de Esparta no combate.” (GREEN, Peter. **Alexandre, o Grande, e o período helenístico**. Tradução Rafael Mantovani. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014, p. 39).

triumfar dos inimigos, de modo algum aproximou-se dessas mulheres, nem outra qualquer antes de casar-se (com exceção de Barsine). Esta enviuvara por morte de Memnon, fora capturada em Damasco. Recebera educação grega, tinha maneiras agradáveis e era filha de Artabazo, nascido ele próprio de uma filha do Grande Rei. Alexandre fê-la sua companheira [...] Quanto às demais cativas [...] passava por elas como se passasse por estátuas sem vida. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 21.6-11)

A perspectiva plutarquiana de que Alexandre se tratava de um rei que tem suas ações pautadas no pensamento filosófico é a marca desses capítulos. Notamos que Alexandre interessou-se por uma mulher que mais parecia grega que persa, de onde percebemos que Plutarco usou este episódio para justificar a escolha do rei macedônio. Plutarco nos mostrou que o comedimento que Alexandre tinha diante de belas e nobres mulheres, ele o mantinha em seu modo de vida, que assim descreveu:

Era menos inclinado ao vinho que podia parecer. Adquiriu essa reputação porque passava muito tempo, de copo na mão, mais a falar que a beber, pois sempre propunha como tema da conversa uma questão de trato demorado, quando havia vagar para isso. Se os negócios o requisitavam, nem o vinho, nem o sono, nem o jogo, nem o amor, nem o espetáculo eram capazes de detê-lo, como sucedia a outros comandantes do exército. Prova-o sua vida: extremamente curta que foi, preencheu-a inteira com uma profusão de ações. Quando tinha tempo, logo depois de levantar-se oferecia um sacrifício aos deuses e em seguida sentava-se para o desjejum; o resto do dia passava a caçar, a regular assuntos militares, a distribuir justiça ou a ler. Durante a marcha, caso não tivesse pressa, exercitava-se pelo caminho [...] banhava-se ou friccionava o corpo com óleo [...] jantava estirado num leito [...] seus banquetes eram sempre suntuosos, e a despesa crescendo à medida que cresciam as vitórias,

acabou por chegar às dez mil dracmas. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 23.4-10)

Os hábitos descritos acima eram ensinados aos gregos desde a infância, integravam a educação destinada aos cidadãos e eram considerados os pilares da formação do homem grego. Depois dessa digressão sobre o caráter de Alexandre, Plutarco descreveu as batalhas e os territórios conquistados pelo rei macedônio, e contou como se apossou da Síria. A riqueza encontrada nestes territórios e a licenciosidade das mulheres bárbaras, segundo Plutarco, aguçaram a ambição dos macedônios: “Desde então os macedônios, que degustavam pela primeira vez o ouro, a prata, as mulheres e o gênero de vida dos bárbaros, lançaram-se como sabujos na pista que haviam farejado e puseram-se a procurar e a desencavar a riqueza dos persas.” (*Vida de Alexandre*, 24.3). E depois Alexandre partiu para a conquista do Egito e de Cirenaica, onde Plutarco conta que o rei teve a ajuda divina para a realização de seus planos na batalha que travou contra Cambises, cujo desfecho foi o seguinte:

Foi isso que, segundo se conta, aconteceu outrora ao exército de Cambises: o vento levantou montões de areia que, à maneira das vagas oceânicas, tragaram naquelas paragens cinquenta mil homens. Esses riscos preocupavam os companheiros de Alexandre, mas seria difícil desviá-lo de um projeto formado, fosse qual ele fosse. É que a fortuna, cedendo a seus esforços, firmava-os nas decisões, e o ardor que mostrava até o fim em suas empresas tornava-lhe a ambição invencível, pois submetia à força não apenas os inimigos, mas até os lugares e as circunstâncias. [...] Para começar, Zeus despejou águas abundantes do céu; chuvas suficientes dissiparam o medo da sede e suprimiram a segura da areia, a qual, agora úmida e compacta, tornava o ar mais respirável e puro. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 26.12-13 e 27.1-2)

Essa demonstração de filiação divina reforçou o seu caráter altivo e fez com que Alexandre fosse tratado como um ser divino pelos bárbaros (*Vida*

de Alexandre, 28.1), mas Plutarco acrescenta que: “Seja como for, depreende-se claramente que Alexandre não estava obnubilado por sua pretensa divindade, mas utilizava essa crença como instrumento de domínio” (28.5). Plutarco mostra aqui uma astúcia que nos lembra a de Odisseu em suas aventuras, nelas o herói aproveitava as circunstâncias para sair de uma situação ruim. No nono canto da *Odisseia*, de Homero, versos 407-408, o episódio mais emblemático foi quando Odisseu estava na caverna do ciclope Polifemo e o cegou, então o gigante pergunta sobre quem o havia ferido, então o herói grego lhe responde que “Ninguém” (Οὐτίς / *Oútís*) o havia cegado¹⁷.

Então Alexandre conquistou toda a região do Eufrates e partiu para enfrentar o rei persa em Gaugamela, no ano de 331 a.C., onde travou sua vitória batalha contra Dario III e o seu poderoso exército (31-33). E desfecho desse embate foi assim narrado por Plutarco:

Terminada assim a batalha, o império dos persas parecia inteiramente arruinado: Alexandre, agora rei da Ásia, ofereceu aos deuses sacrifícios magníficos e acumulou os amigos de riquezas, domínios e cargos importantes. Depois, para impressionar os gregos, escreveu-lhes que todas as tiranias haviam sido abolidas e eles poderiam governar-se segundo suas próprias leis. Convidou os plateus, em especial, a reconstruir sua cidade, eles, cujos ancestrais tinham oferecido aos gregos o território pátrio para aí combaterem pela liberdade. Também enviou os habitantes de Crotona, na Itália, parte do butim, em homenagem ao zelo e ao valor do atleta Faulo, o qual, no tempo das guerras médicas, quando os outros italiotas se desinteressavam da sorte da Grécia equipara um navio à própria custa e aparecera em Salamina disposto a partilhar o perigo. Tanto é verdade que Alexandre favorecia toda espécie de virtude, fazendo-se guardião

¹⁷ Cf. HOMERO. **Odisseia**. Tradução e apresentação de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

oficial das belas ações! (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 34.1-3)

Após essas ações, Alexandre marchou em direção à Babilônia para conquistá-la (*Vida de Alexandre*, 35-36) e seguiu depois para a conquista da Pérsia, onde adentrou o palácio de Dario III, o último dos Aquemênidas, e realizou um suntuoso banquete no qual ficou embriagado e, empunhando uma tocha, iniciou um incêndio no local, e Plutarco conta que o rei macedônio logo se arrependeu e o apagou (37-38). E novamente Plutarco elaborou uma análise do caráter de Alexandre, que assim iniciou:

Generoso de natureza, cada vez mais, à medida que seu poder aumentava, cedia a esse impulso. Juntava-lhe a gentileza, que por si só torna os presentes verdadeiramente agradáveis. [...] Em geral, aborrecia-se mais com os que recusavam seus presentes do que com os que os solicitavam. Por isso escreveu a Fócion dizendo-lhe que não o consideraria amigo se repelisse seus favores. [...] Também à mãe enviava sempre uma profusão de presentes, mas nunca permitia que ela se metesse nos assuntos políticos e militares. Olímpia reclamava, mas ele suportava seu mau humor com serenidade. No entanto, escrevendo-lhe Antípatro uma longa carta em que a censura, disse depois da leitura que Antípatro não sabia que uma única lágrima de mãe apaga dez mil cartas. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 39.1-13)

O adjetivo que Plutarco utiliza é μεγαλοδωρότατος (*megalodōrótatos*) que, como essa tradução nos apresenta, pode significar “generoso”, mas também “aquele que dá grandes presentes”. Com o emprego desse adjetivo, Plutarco buscou aproximar o rei macedônio de práticas comuns aos reis da Pérsia, mostrando que a corrupção de seus valores aconteceu aos poucos. Talvez esses presentes tenham sido o modo que Alexandre encontrou para governar um império, como notou Bosworth, que lhe era desconhecido, não um reino estruturado por seu pai¹⁸. No entanto, os

¹⁸ BOSWORTH, A. B. *Conquest and Empire. The Reign of Alexander the Great*. Cambridge:

registros que dispomos de Heródoto e de Tucídides nos mostram que atenienses, espartanos e outros gregos visitavam a corte do rei persa para solicitar auxílio e saíam de lá com ouro e prata suficientes para guerrear entre si, o que em muito deveria agradar aos reis persas por enfraquecer os gregos sem precisar combater-lhes com seu poderoso exército, o suborno então lhes saía mais vantajoso. A nosso ver, a avaliação de Plutarco está atrelada ao pensamento de um grego que se via como uma elite intelectual versada em filosofia que por isso se distinguia dos bárbaros, nesse caso, dos persas.

No entanto, Plutarco desconsiderou o sistema que existia antes, no qual o Grande Rei provinha suas satrapias com o que elas necessitassem, em geral, com forças militares, e cooptava suas elites locais instalando-as no poder, mas havia o pagamento de tributos, os persas cobravam dos territórios conquistados o que eles podiam oferecer, variavam conforme sua riqueza. A nosso ver, os presentes de Alexandre serviam para cooptar as elites, antes agraciadas com as tiranias que o próprio macedônio destituía. Com a perda do poder político absoluto, Alexandre tinha de aliciá-las de outro modo, por meio de presentes e convites a banquetes suntuosos. Essa política de cooptação também se estendeu aos seus comandados macedônios, concidadãos que receberam seus grandes presentes, o que enfraqueceu seu comando, como lemos neste relato:

Alexandre se expunha ao perigo tanto para exercitar o próprio corpo como para incitar os outros à virtude. Mas os amigos, corrompidos pela riqueza e pelo fausto, doravante queriam viver com vagares e luxos. Suportando mal as correrias e expedições de Alexandre, começaram aos poucos a criticá-lo e a falar mal dele. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 41.1)

Então a generosidade de Alexandre o conduziu a uma situação em que a riqueza distribuída foi mais valorizada que guerra de expansão do Império Macedônio rumo ao Oriente. Os comandantes e generais estavam

Cambridge University Press, 1988, p. 176.

satisfeitos com sua nova vida, não estavam mais dispostos a morrer em combate, se antes nada tinham a perder, agora tinham riquezas a preservar. E Plutarco nos fez ver que o exército de Alexandre não era tão inquebrantável quanto antes, em sua marcha para o Oriente à procura de Dario que estava em poder de Besso, o rei macedônio chegou com apenas sessenta homens (*Vida de Alexandre*, 43.1) para enfrenta-los, então atacaram o acampamento e

Mais tarde, encontrando Besso, mandou esquarteja-lo: curvaram-se para um mesmo ponto duas árvores retas, a cada uma das quais amarrou-se com força e arrancaram os pedaços a elas soltas, endireitaram-se com força e arrancaram os pedaços a elas atados. De momento, porém, fez revestir o cadáver de Dario de ornamentos reais e mandou-o para a mãe. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 43.6-7)

O relato de Plutarco nos remete ao mito de Teseu e o monstro Sínis quando o herói “no Istmo deu cabo de Sínis¹⁹, o encurvador de pinheiros, aplicando-lhe o mesmo suplício que o bandido costuma infligir aos inúmeros passantes” e explicou que “não que Teseu conhecesse semelhante artifício ou nele se exercitasse: queria apenas provar que o heroísmo supera em muito a arte e a prática diária.” (*Vida de Teseu*, 8.1-2). Ao justificar a ação de Teseu, Plutarco mostrou quão condenável era aquela prática e que se tratava de um episódio único, pois não a conhecia. O fato de Teseu não conhecer tal prática já demonstra que se trata de algo externo, estrangeiro, portanto, bárbaro. A partir desse relato, Plutarco iniciou sua narrativa sobre como Alexandre estava assimilando valores bárbaros e simpatia por eles, a gentileza com a mãe de Dario não apenas mostrou a porção políade de seu caráter, mas também sua aproximação com o bárbaro, pois, em seguida, temos este relato:

¹⁹ N.T. Sínis curvava dois pinheiros e amarrava suas vítimas às copas; em seguida, quando as árvores se levantavam, os corpos ficavam em pedaços.

Dali se foi para o país dos partos e, como dispusesse de tempo, vestiu pela primeira vez a roupa dos bárbaros, fosse para acomodar-se aos costumes locais – a comunidade de hábitos e costumes é de fato importante quando se procura conciliar os homens –, fosse por estar tentando introduzir furtivamente a prosternação entre os macedônios, que dessa forma iriam aos poucos aprendendo a suportar a mudança e a novidade de seu gênero de vida. Não adotou, entretanto, o famoso traje dos medos, tão bárbaro e tão extravagante; pôs de lado as calças largas, o manto a tiara, chegando a uma mistura judiciosa que constituía o meio-termo entre o vestuário dos persas e o dos medos, menos rico que este e mais majestoso que aquele. No começo, só se trajava assim para tratar com os bárbaros ou estar entre os amigos, mas depois em público, quando saía a cavalo ou dava audiência. O espetáculo chocava os macedônios, que entretanto, reconhecendo-lhes os méritos múltiplos, criam dever perdoar-lhe algumas concessões ao prazer a ao amor-próprio. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 45.1-4)

Como vimos, ao ser declarado rei da Pérsia, Alexandre se instalou nesse reino como estratégia de expansão militar em direção ao Oriente. O resultado dessa escolha foi o distanciamento de Alexandre dos filósofos, que antes eram citados na narrativa plutarquiana em banquetes. Então o rei macedônio se cercou de bárbaros e de seus comandantes e generais, abandonando o caráter filosófico de seus banquetes para torna-los um local de exibição de suas façanhas, alimentando seu amor-próprio e corrompendo os valores que aprendera com seus mestres, como se a distância da Hélade o levasse para caminhos mais barbarizantes. Essa duplicidade na personalidade de Alexandre o conduziu para ações ambíguas, por demonstrar interesse em ter um estilo de vida persa para atrair a simpatia dos locais e em contrapartida, disseminar a cultura grega entre eles, fato que Plutarco assim registra:

Pelo modo de vida, assimilava os costumes do país enquanto tentava aproximar os nativos dos hábitos

macedônicos. Calculava que a boa vontade nascida dessa mistura e dessa comunidade de costumes ajudá-lo-ia, mais que a força, a tornar estável seu poder, quando se fosse para longe. Por isso selecionou trinta mil crianças, ordenando que lhes fosse ensinada a língua grega e ministrada a educação militar dos macedônios. Para a tarefa, nomeou diversos instrutores. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 48.5-6)

Plutarco delineou um perfil híbrido de Alexandre, que primeiro se beneficiou politicamente ao se trajar como um persa e a adotar alguns hábitos dessa cultura, porém manteve a base de sua formação que foi o contato com a escrita produzida por uma longa tradição literária grega que lhe legou textos que conheceu desde os primeiros anos de sua paideia, com os quais se alfabetizou e aprendeu os fundamentos da cultura grega. Após ter conquistado a Pérsia e ter se tornado seu rei, para ter a simpatia desse povo, Alexandre cometeu considerados bárbaros, como ter se casado com uma bárbara:

Relativamente a Roxane, agiu por amor, pois vira-a formosa e garrida num coro de dança, após um festim. Entretanto, ao casar-se com ela consolidou ainda mais seus projetos, já que os bárbaros, cheios de confiança pela união do rei com uma de suas concidadãs, conceberam por ele uma afeição extrema, tanto mais que, na ocasião, mostrou grande continência para com a única mulher que logrou dominá-lo: não a quis tocar antes de a haver legalmente desposado. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 48.7-8)

Embora Alexandre tenha adotado alguns hábitos persas e se casado com uma de suas mulheres, Plutarco registrou na sequência desses acontecimentos várias intrigas palacianas geradas por seus companheiros macedônios, que estavam divididos quer por inveja quer por reprovar suas ações, e a resposta de Alexandre foi a execução de seus inimigos (*Vida de Alexandre*, 49-51). Na história da antiga Grécia, os governantes que praticaram a política de eliminação dos inimigos foram todos tiranos, com

esse ato, Alexandre novamente demonstra um retorno ao tempo em que a Grécia se assemelhava aos bárbaros com essa forma de governo. Não à toa, os reis persas sempre alimentaram as tiranias nas colônias gregas da Ásia Menor, mas não somente essas, os Pisistrátidas também receberam apoio dos persas para a permanência de Pisistrato e depois de seus filhos Hípias e Hiparco como tiranos de Atenas.

Em razão de uma fatalidade na qual Alexandre acidentalmente matou seu amigo Clito, o filósofo Calístenes, parente de Aristóteles, e Anaxarco de Abdera vieram da Grécia para confortá-lo e orientá-lo (*Vida de Alexandre*, 52). Porém, Calístenes desperta a inveja de “outros sofistas e bajuladores” (53.1) e Alexandre também se indis põe com o filósofo por ter dito o que pensava sobre o comportamento bárbaro do rei e de seus companheiros, pois seu propósito era “restabelecer os concidadãos na cidade natal” (53.2), o que não correu, pelo contrário, Alexandre partiu em direção à Índia para conquista-la (57-61). Foi durante a conquista da Índia, em uma batalha contra Poro, que Bucéfalo morreu, e em honra de seu cavalo, Alexandre fundou Bucefália (61.2). Após essa batalha, os macedônios não quiseram mais ir para os territórios localizados no interior da Índia, eles se recusaram a atravessar o rio Ganges, “quando souberam que o rio tinha trinta e dois estádios de largura e cem braços de profundidade. Além disso, a margem oposta, muito escarpada, regurgitava de armas, cavalos e elefantes.” (62.1-3). Então Plutarco registrou pequenos episódios que aconteceram durante o retorno de Alexandre para a Pérsia (63-68) e assim relatou sua chegada:

Na Pérsia, o primeiro cuidado que teve foi distribuir dinheiro às mulheres, segundo o costume dos reis que, quando iam à Pérsia, davam a cada uma delas uma moeda de ouro. [...] Alexandre reuniu em festins inúmeros amigos e oficiais, propondo um concurso de bebida [...] celebrou o casamento dos Companheiros, e ele próprio desposou a filha de Dario, Estatira. Entregou as mulheres mais nobres aos homens mais nobre. Aos macedônios já

casados ofereceu um banquete de núpcias, onde reuniu a todos. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 69-70)

A monogamia era um costume entres os gregos antigos, os diversos casamentos de Alexandre quebraram esse costume e ainda trouxeram uma linhagem bárbara aos descendentes do rei macedônio.

A morte de Alexandre

Os últimos dias de vida do rei Alexandre foram na Babilônia, em 323 a.C., mesmo tendo recebido sinais divinos de que deveria evitar o território, conforme lemos neste relato de Plutarco:

Avançando em direção à Babilônia, encontrou-se com Nearco, que regressava de sua segunda viagem pelo grande mar até o Eufrates. Disse-lhe Nearco haver encontrado caldeus que aconselhavam a Alexandre a afastar-se da Babilônia. O rei, entretanto, não fez caso da advertência e prosseguiu caminho. Chegado ao pé da muralha, avistou um bando de corvos que lutavam entre si ferindo-se uns aos outros; alguns, até caíram a seu lado. [...] Numerosos presságios inquietavam-no. O leão mais belo e maior que ele criava foi atacado por um asno doméstico e morto com um coice. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 73-74)

Somente após o seu amigo Cassandro o ter advertido sobre os presságios, Alexandre começou a se importar com os sinais divinos, mas o comedimento que demonstrara antes não se manteve até o fim de sua vida, fato que Plutarco assim avaliou:

A partir de então Alexandre mostrou-se muito sensível aos sinais divinos, permitindo que seu espírito fosse invadido pelo temor e pelas perturbações. Nada acontecia de insólito, por mínimo que fosse, que ele não tomasse por um prodígio ou um presságio. O palácio vivia cheio de sacrificadores, exorcistas, adivinhos e

curiosos que insuflavam no rei tolices e terrores.
(Plutarco, *Vida de Alexandre*, 75.1-3)

Por meio desse relato, Plutarco nos apresenta um rei completamente distinto daquele que se aproximava do rei-filósofo proposto por Platão em sua *República*. Alexandre, o Grande, distanciou-se de sua formação filosófica e dos pilares da cultura grega para nutrir seu desejo de conquista de novos territórios. Dado que nos foi sugerido no início da narrativa biográfica quando Plutarco nos informou sobre a vontade de Alexandre ser mais vencedor que o seu pai Filipe II, assim a busca da glória levou Alexandre a perder o equilíbrio, tal como fizera com Aquiles, e a agir de modo irracional, até se tornar presa fácil de adivinhos e afins, por causa da superstição²⁰.

Em um dos vários registros sobre as possíveis causas da morte de Alexandre, Plutarco registrou que no dia anterior a sua morte:

Bebeu a noite toda e também no dia seguinte, começando, então, a sentir a febre. Não foi por ter esvaziado a taça de Hércules²¹, nem por ter sido subitamente atacado por uma dor nas costas, como por um golpe de lança: tais detalhes foram imaginados por certos autores, que acharam necessário inventar, para um grande drama, um desfecho trágico e patético. Aristóbulo, de seu lado, sustenta que, tomado de um forte acesso de febre e sentindo muita sede, Alexandre bebeu vinho, entrou a delirar e morreu no trigésimo dia do mês de désio²². (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 75.5-6)

²⁰ O termo grafado por Plutarco é δεισιδαιμονία (*deisidaimonía*) que significa “superstição”, um assunto muito importante na construção do pensamento plutarquiano a ponto dele dedicar um tratado específico para uma questão que considera um resultado da ignorância dos deuses, de uma falsa opinião que se tem a respeito deles (*Da superstição*, 164E-F). Para o paralelo entre Alexandre e Aquiles, consultar MOSSMAN, J. M. “Plutarch, Pyrrhus, and Alexander”. In: STADTER, Philip A. (ed.). **Plutarch and the historical tradition**. London / New York: Routledge, 1992, pp. 90-108.

²¹ Expressão grega para falar de alguém que se embriagou.

²² Trata-se do dia 10 de junho de 323 a.C.

Apesar de Plutarco ter criticado o fim trágico que alguns autores deram à vida de Alexandre, em alguns momentos, o nosso autor utiliza termos característicos da poesia trágica para se referir a Alexandre²³.

Esta foi outra versão da morte de Alexandre:

Eis o que está escrito nas Efemérides sobre sua doença
“A dezoito do mês de désio, deitou-se na sala de banho por causa da febre. No dia seguinte, depois de banhar-se, voltou para o quarto e jogou dados o dia inteiro com Médio; em seguida tomou banho, em hora já avançada, fez um sacrifício aos deuses e ceou; durante a noite, sobreveio-lhe a febre. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 76.1-2)

Convém notar que Plutarco não defendeu nenhuma das suposições relatadas, apenas as registrou como informações para seus leitores, tal esta:

A maior parte desses fatos são copiados, palavra por palavra, das Efemérides. Quanto à suspeita de envenenamento, de momento não ocorreu a ninguém. Só cinco anos mais tarde é que Olímpia, segundo se diz, em consequência de uma denúncia, mandou executar diversas pessoas e atirar ao vento as cinzas de lolau, a pretexto de que fora ele quem ministrar o veneno. Relativamente aos que sustentavam haver Aristóteles aconselhado o crime a Antípatro e até conseguido para ele o veneno, afirmam tirar a informação de um certo Hagnótemis, que houvera de Antígono. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 77.1-3)

Plutarco não registrou nenhuma palavra sobre os funerais de Alexandre, o Grande, somente relatou que outros autores não acreditavam que o rei tivesse sido envenenado:

²³ LACY, Phillip. “Biography and Tragedy in Plutarch”. *The American Journal of Philology*, v. 73, n. 2, 1952, pp. 159-171, 168.

A maior parte dos autores, no entanto, afirma que essa história de envenenamento é pura invenção, e baseiam sua opinião numa prova das mais sérias: durante a querela dos generais, que duraram vários dias, o corpo, deixado sem cuidados para um canto onde o calor era escaldante, não apresentou nenhum indício de morte por envenenamento: ao contrário, continuou puro e fresco. (Plutarco, *Vida de Alexandre*, 77.5)

É impressionante o desdém dos generais que não se prestaram a realizar as cerimônias fúnebres dignas de um grande rei, de quem lhes proporcionou fama e riquezas. Plutarco nos leva a crer que o fim trágico de Alexandre acontecera por ter morrido fora de seu solo pátrio, sem que seu povo o louvasse e o enterrasse como um herói de ascendência divina e conquistador de territórios dantes nunca pisados pelos gregos. Notamos que ao longo de sua narrativa biográfica, Plutarco construiu uma imagem de que a virtude e a sabedoria habitam a Grécia por meio dos sábios que nela nasceram, quanto mais Alexandre se distanciava de suas origens, mais atuava de forma irrefletida, alimentava seus vícios e os de seus companheiros.

Conclusões

A obra biográfica de Plutarco encanta a muitos por seu conteúdo diversificado, onde encontramos referências a obras filosóficas de todas as escolas que surgiram na Grécia, o mesmo ocorre com a historiografia, a poesia, a mitologia, e muitos outras formas narrativas e seus diferentes gêneros. Essa amálgama literária é fruto de uma tradição literária que nasceu com a poesia épica de Homero, e Plutarco se torna um receptor de toda essa escrita e um transmissor dela por meio de suas obras. Embora tenha nascido em plena época da dominação romana, 40-120 d.C.²⁴, Plutarco era um grego de família aristocrata, nascido em Queroneia, na

²⁴ A datação da morte de Plutarco é incerta, varia entre 120 e 125 d.C., já seu nascimento é datado entre 40 e 45 a.C.

região da Beócia, ao norte da Grécia, uma cidade pequena e de tradição agrícola. Plutarco demonstra em sua escrita que foi educado à moda dos antigos gregos e prescreve essa paideia para os homens de seu tempo.

A análise plutarquiana do caráter de suas personagens se pauta na origem, na educação durante a infância, nas ações da juventude e nos feitos da fase adulta até a morte. Portanto, temos uma trajetória que contempla o nascimento, a vida e a morte da sua personagem. A biografia de Alexandre segue esse caminho para nos mostrar as virtudes e os vícios da personagem plutarquiana. Percebemos claramente que a filosofia exerce um papel importante na formação de seu caráter, que enquanto se manteve próximos dos sábios, Alexandre deu exemplos de comportamento comedido e heroico, mas quando se afastou deles e foi viver na Pérsia, o rei macedônio revelou sua personalidade narcísica, alimentou bajuladores e se entregou à bebida e à tagarelice. Curiosamente, essa mistura de personalidades, que ora nos lembra Odisseu, ora Aquiles, levou Alexandre a grandiosas conquistas.

Em suma, a escolha de seu biografado se justifica pela própria história de vida de Alexandre, o Grande, porque impressiona, como Droysen colocou logo no início de sua clássica obra:

Estamos diante de um acontecimento verdadeiramente assustador, sem paralelo na história. Jamais, nem antes nem depois, vimos um povo tão pequeno destruir com tal rapidez e de um modo tão completo a supremacia de um império gigantesco, para erigir sobre suas ruínas novas formas de vida política e nacional²⁵.

²⁵ DROYSEN, Johann G. **Alejandro Magno**. Traducción de Wenceslao Roces. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 3.